

A ARTE NO EGITO ANTIGO

Quando falamos de primeiras formas de escrita, lembramos imediatamente dos hieróglifos do Egito Antigo que até hoje não foram totalmente desvendados. Aliás, o mistério é um dentre os admiráveis atrativos dessa civilização que a tantos fascina.

A religiosidade influenciou fortemente todas as atividades desenvolvidas pelos egípcios, inclusive as artísticas, fossem elas manifestadas pela escultura, pintura ou arquitetura. Possuíam vários deuses personificados em aves e animais; acreditavam na imortalidade da alma e na vida eterna. Após a morte, a alma continuaria a viver e, para essa existência eterna, precisaria de um suporte material que a recebesse na terra e que também perdurasse para a eternidade, daí a mumificação dos corpos. A múmia, por sua vez, não poderia ser tocada, destruída ou profanada, pois a alma sofreria o resto da imortalidade. Por isso, os egípcios a ocultavam ao máximo, escondendo-a em labirintos escavados nas rochas ou sob túmulos que, por terem que durar a eternidade, tinham um caráter monumental.

Durante o Antigo Império, distinguimos dois tipos de túmulos: a mastaba, túmulo particular, e a pirâmide, túmulo do faraó, figura máxima e soberana da forte hierarquia social do Egito; dentro do regime teocrático, era o representante de Deus na terra, cujos poderes eram ilimitados.

Quem de nós não ouviu falar das pirâmides do Egito? E o enigma que envolve toda a sua construção? Grandes obras arquitetônicas, as pirâmides, com sua monumentalidade, verticalidade e ampla base, simbolizam a própria autoridade absoluta do faraó, voltado para o céu, mas fortemente embasado na terra. Geometricamente falando, percebemos que a própria estrutura das pirâmides – um triângulo isósceles – é, dentre todas as figuras geométricas, a que mais equilíbrio e estabilidade nos transmite e estas qualidades são quase inerentes também na cultura egípcia, pois durante milênios, ela manteve as mesmas características.

As três pirâmides de Gizé, construídas pelos faraós Quéfren, Quéops e Miquerinos, são, por excelência, o símbolo do Egito. Porém, elas não estão sós. A região de Gizé contém um magnífico complexo arquitetônico composto não somente pelas pirâmides, mas pela esfinge e pelos templos. Estes não visavam acolher os fiéis em suas preces, muito contrariamente, ninguém poderia entrar neles. O templo do vale é ligado ao templo mortuário por uma aléia coberta, onde lateralmente encontra-se a esfinge de Gizé, Esculpida diretamente na rocha do planalto, possui corpo de leão e cabeça de ser humano que, na posição erguida, com os olhos fixos no sol, dá-nos a sensação de que está guardando todo esse conjunto. Há quem a considere um retrato estilizado do próprio faraó Quéfren, o que não seria de todo impossível, visto que os egípcios confeccionavam estátuas que eram colocadas juntamente com os túmulos reais, pois se a preservação do corpo não fosse suficiente, uma fiel imagem preservada, com certeza, asseguraria a vida eterna.

Deste modo, sua função não era só a de representação, mas também a de “ser” o próprio faraó. Por outro lado, se uma fiel imagem pressupõe um realismo, este era em geral atribuído às estátuas de classe inferior; as do faraó eram estilizadas, tendo atenuado seu caráter particular para transparecer, acima de tudo, seu caráter divino e imortal.

O escultor raramente tentava sair das convenções e limitava-se a representar a figura na posição de andar, estando o pé esquerdo sempre na frente; sentado, com a mão

esquerda apoiada na coxa e a direita fechada ou ainda sentado, com as pernas cruzadas, tal qual o famosa estátua do “Escriba Sentando” que se encontra no Museu de Louvre (Paris). Aliás, ser escriba numa terra de analfabetos significava a autoridade de dar formas às leis e ordens do soberano; era portanto, uma posição privilegiada.

Mas, se todo um esquema pré-estabelecido dirigiu a escultura em volume, a influência é ainda mais nítida no baixo-relevo e na pintura. Utilizados para ornar as paredes dos sarcófagos e templos, tinham a finalidade de narrar fatos, hábitos e atividades necessárias à vida futura. As normas estilísticas revelam-nos que a preocupação era registrar o maior número de fatos possível. Assim, a lei da frontalidade, característica predominante em ambas manifestações, é a que mais obedece tal necessidade de variação.

A figura é desenhada numa alternância de posições, pois cada pormenor deve ser desenhando na sua forma mais significativa, proporcionando melhor legibilidade na representação: cabeça de perfil, olhos e troncos de frente, pernas e pés novamente de perfil. Esta é, sem dúvida uma posição estranha para nós, mas temos de concordar que, de fato, um olho é muito mais reconhecível de frente do que de perfil.

A pintura egípcia não conhece a sombra, portanto, não proporciona sensação de volume, é sempre bidimensional. Igualmente, desconhece por completo a perspectiva e, quando são representados vários objetos idênticos, em vez de colocar um atrás do outro em diminuição, desenhavam um na posição desejada e depois repetiam a metade da figura sucessivamente.

As cores disponíveis derivadas de substâncias minerais, também eram convencionadas o vermelho-tijolo para a epiderme masculina, o amarelo-ocre, para a feminina; cabelos e íris, negras; a água em azul ou com linhas em zigue-zague e as plantas, pintadas na cor verde.

Outras convenções são do mesmo modo interessantes. Surgiram da necessidade de valorizar determinados personagens, e a melhor maneira de se conseguir isso foi aumentar o tamanho dele com relação aos demais. Então, desenhavam o senhor várias vezes maior que seus escravos, o marido maior que a mulher, e não é raro ver a esposa do faraó num triângulo formado pelas pernas do mesmo.

Todas essas regras existiram desde as primeiras dinastias e perduravam durante todos os milênios de existência da civilização egípcia. Somente uma vez o estilo egípcio viu-se abalado, e o autor disso foi o faraó Amenófis IV, no Novo Império, que rompeu com muitos costumes e tradições do Egito. Começou por tentar introduzir o monoteísmo, substituindo o deus tradicional Amon-rá, por Aton, de quem era devoto e cujo símbolo era o disco solar.

Amenófis IV atribuiu à pintura um caráter muito naturalista e, procurando representar a fragilidade humana em cenas e atividades comuns a qualquer pessoa. Isso com certeza, chocou os egípcios que, por milênios, acostumaram ver o faraó com ar divino e solene.

Posteriormente, a cultura egípcia ficou novamente suscetível a mudanças, pois foi vítima de constantes invasões; com isso travou contatos com povos influentes, como os gregos. Militarmente o Egito sucumbiu, mas o mesmo não ocorreu com a sua arte. Nela, a figura onipotente do faraó sempre reinará absoluta e o Egito buscará a eternidade.